

terra de sombras

alyson noël

terra de sombras

os imortais – volume 3

TRADUÇÃO DE FLÁVIA SOUTO MAIOR



Copyright © 2009 Alyson Noël, L.L.C.

Publicado mediante acordo com a autora. Todos os direitos reservados, incluindo os de reprodução de todo o conteúdo ou de parte dele, em qualquer formato.

TÍTULO ORIGINAL
Shadowland

PREPARAÇÃO
Marina Vargas

REVISÃO
Umberto Figueiredo
Shirley Lima

DIAGRAMAÇÃO
Abreu's System

CAPA
Angela Goddard

ADAPTAÇÃO DA CAPA
Julio Moreira

FOTO DA CAPA
Herman Estevez

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
N691t

Noël, Alyson
Terra de sombras / Alyson Noël; tradução Flávia Souto
Maior – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

280p. – (Os imortais; v. 3)
Tradução de: Shadowland
ISBN 978-85-98078-98-4

1. Ficção americana. I. Maior, Flávia Souto. II. Título.
III. Série.

10-5247

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/301
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Em homenagem a Blake Snyder, 1957-2009

Um professor inspirador, cuja generosidade, entusiasmo e genuína paixão por ajudar os outros são incomparáveis. Que seu espírito sobreviva em seus livros e ensinamentos.

agradecimentos

São necessárias muitas pessoas para fazer um livro acontecer, e eu tenho a incrível sorte de trabalhar com uma equipe realmente fantástica!

Meus enormes e vibrantes agradecimentos a:

Bill Contardi — a mistura perfeita de cérebro, coração e senso de humor sagaz —, o melhor agente que um escritor poderia querer!

Matthew Shear e Rose Hilliard — extraordinários *publisher* e editora. Não chegaria a lugar algum sem eles!

AnneMarie Talberg e Brittany Kleinfelter — as cabeças brilhantes por trás do site *immortalseries.com*. Obrigada por suas ideias criativas e pelo imprescindível suporte técnico!

Katy Hershberger, que não apenas tem ótimo gosto musical, como também é uma ótima assessora de imprensa!

O pessoal excepcionalmente talentoso do departamento de arte: Angela Goddard e Jeanette Levy, que desenvolveram capas lindas de morrer! E também a todas as outras pessoas dos departamentos de vendas, marketing, produção e qualquer outro que certamente estou esquecendo: obrigada por tudo o que fazem... vocês são demais!

Abraços e muito amor para Sandy, por ser constante fonte de inspiração, risadas e diversão... meu próprio Damen Auguste!

Eu seria extremamente descuidada se não mencionasse *você*, leitor. Suas mensagens, e-mails, cartas e desenhos sempre tornam meu dia mais feliz. Obrigada por serem tão incríveis!

O destino não é nada além dos atos que realizamos
em um estado prévio da existência.

— RALPH WALDO EMERSON

— Tudo é energia.

Os olhos escuros de Damen fixam-se nos meus, insistindo para que eu ouça, ouça de verdade desta vez.

— Tudo o que está ao nosso redor. — Com o braço à frente, ele traça um horizonte desbotado, prestes a desaparecer. — Tudo o que há neste universo aparentemente sólido, na verdade, não é sólido. É energia, uma energia pura e vibrante. E, embora nossa percepção possa nos convencer de que as coisas são sólidas, líquidas ou gasosas, no nível quântico são apenas partículas dentro de partículas. Tudo é apenas *energia*.

Aperto os lábios e concordo. A voz na minha cabeça, mais alta que a dele, insiste: *Conte a ele! Conte agora! Pare de se esquivar e acabe logo com isso! Depressa, antes que ele comece a falar de novo!*

Mas não conto. Não digo uma palavra. Só espero que ele continue, para que eu possa adiar ainda mais.

— Erga sua mão. — Ele balança a cabeça e estende a mão, movendo-a em direção à minha. Enquanto levanto meu braço devagar, com cuidado, determinada a evitar todo e qualquer contato físico, ele diz: — Agora me diga, o que você vê?

Olho pelo canto de olho, sem entender bem o que ele espera. Então, dando de ombros, respondo:

— Bem, vejo pele pálida, dedos longos, uma ou duas sardas, unhas que precisam desesperadamente de uma manicure...

— Exatamente. — Ele sorri, embora eu tenha passado no teste mais fácil do mundo. — Mas, se você pudesse enxergar a *verdadeira* forma, não veria nenhuma dessas coisas. Em vez disso, veria um amontoado de moléculas composto de prótons, nêutrons, elétrons e quarks. E, dentro desses minús-

culos quarks, chegando ao ponto mais ínfimo, você não veria nada além de energia pura e vibrante movendo-se em uma velocidade lenta a ponto de parecer sólida e densa, mas, ainda assim, bastante rápida para não poder ser observada em sua verdadeira forma.

Aperto os olhos, sem estar certa de que acredito nisso. Não importa o fato de ele estar estudando esse negócio há centenas de anos.

— É sério, Ever. Nada está isolado. — Damen se inclina em minha direção, levado pelo assunto. — Tudo é uma coisa só. Coisas que aparentam ser densas, como você, eu e essa areia na qual estamos sentados, são na verdade apenas uma massa de energia que vibra bem devagar a ponto de dar a impressão de ser sólida, enquanto coisas como fantasmas e espíritos vibram tão rápido que é quase impossível para a maioria dos humanos vê-los.

— Eu vejo Riley — digo, ansiosa para lembrá-lo de todo o tempo que costumava passar com o fantasma da minha irmã. — Ou pelo menos costumava ver, você sabe, antes de ela cruzar a ponte e seguir em frente.

— E é exatamente por isso que não consegue mais vê-la. — Ele balança a cabeça. — Ela está vibrando rápido demais. Embora existam aqueles que podem ver além de tudo isso.

Contemplo o oceano à nossa frente, as ondas quebrando uma após a outra. Infinito, incessante, imortal — como nós.

— Agora levante sua mão de novo e a aproxime da minha até quase nos tocarmos.

Hesito e encho a palma da mão de areia, relutando em fazê-lo. Ao contrário dele, conheço o preço, as terríveis consequências que o menor contato entre nós pode acarretar. Essa é a razão de eu estar evitando seu toque desde a última sexta-feira. Mas, quando volto a olhar para ele, com a mão aberta, esperando pela minha, respiro fundo e também levanto a mão — e fico ofegante quando ele se aproxima tanto que o espaço entre elas é fino como uma navalha.

— Sente isso? — Ele sorri. — O formigamento e o calor? É nossa energia se conectando. — Ele move a mão para a frente e para trás, manipulando o campo de energia que há entre nós.

— Mas, se estamos todos conectados como você diz, por que tudo não parece ser a mesma coisa? — sussurro, atraída pelo inegável fluxo magnético que nos une e que faz o calor mais maravilhoso do mundo percorrer meu corpo.

— *Estamos* todos conectados, somos todos originados da mesma fonte de vibração. E, enquanto algumas energias provocam frio e outras são mornas, aquela à qual está destinada faz com que se sinta *assim*.

Fecho os olhos e viro o rosto, deixando as lágrimas escorrerem pela face, já que não consigo mais contê-las. Sabendo que estou impedida de sentir sua pele, o toque de seus lábios, o caloroso conforto do seu corpo junto ao meu. Esse campo de energia elétrica que vibra entre nós é o mais perto que posso chegar dele, graças à horrível decisão que tomei.

— Só agora a ciência está se aproximando do que os metafísicos e grandes guias espirituais já sabem há séculos. Tudo é *energia*. Tudo é *uma só coisa*.

Posso sentir o sorriso em sua voz enquanto ele se aproxima, ansioso para entrelaçar seus dedos nos meus. Mas me afasto rapidamente, olhando em seus olhos apenas o suficiente para ver a expressão de dor que toma seu rosto — a mesma expressão com que me recebe desde que fiz com que bebesse o antídoto que o trouxe de volta à vida. Ele se pergunta por que tenho estado tão quieta, tão distante, tão retraída, por que me recuso a tocá-lo se apenas há algumas semanas não conseguia me controlar. Presume, incorretamente, que é por causa de seu comportamento agressivo — seu flerte com Stacia, sua crueldade voltada para mim —, quando, na verdade, nada tem a ver com isso. Ele estava sob o encanto de Roman; toda a escola estava. Não era culpa dele.

O que Damen não sabe é que, apesar de o antídoto tê-lo ressuscitado, ao adicionar meu sangue à mistura, também garanti que nunca mais poderemos ficar juntos.

Nunca.

Jamais.

Por toda a eternidade.

— Ever? — ele sussurra com a voz grave e sincera. Mas não consigo olhar para ele. Não posso tocá-lo. E, certamente, não consigo dizer o que ele merece ouvir:

Estraguei tudo... Sinto muito... Roman me enganou, e eu estava tão desesperada que fui muito burra para cair na cilada. E agora não há esperança para nós, porque, se me beijar, se tiver contato com meu DNA, você vai morrer...

Não consigo fazer isso. Sou o pior tipo de covarde que há. Sou patética e fraca. E não há como encontrar forças dentro de mim.

— Ever, por favor, o que está acontecendo? — ele pergunta, preocupado com as minhas lágrimas. — Você está desse jeito há dias. Sou eu? Foi algo que eu fiz? Porque você sabe que não me lembro de muita coisa do que aconteceu, e as lembranças que estão começando a surgir... Bem... você já deve saber que não era eu de verdade. *Nunca* magoaria você intencionalmente. Nunca lhe faria mal algum.

Envolvo meu corpo com os braços, retraindo os ombros e abaixando a cabeça. Queria poder me encolher mais, ficar tão pequena que ele não conseguisse mais me ver. Sei que suas palavras são verdadeiras, que ele é incapaz de me magoar, só eu poderia fazer uma coisa tão prejudicial, tão precipitada, tão ridículamente impulsiva. Só eu poderia ser bastante estúpida para morder a isca de Roman. Estava tão ansiosa para provar que era o verdadeiro amor de Damen, querendo ser a única que poderia salvá-lo, e agora olhe o estrago que causei.

Ele vem em minha direção, passa o braço ao redor do meu corpo, agarra minha cintura e me puxa para perto. Mas não posso arriscar essa proximidade, minhas lágrimas agora são letais e devem ser mantidas longe de sua pele.

Eu me levanto com dificuldade e corro em direção ao mar, afundo os dedos dos pés na areia na beira da água e deixo a espuma branca e gelada molhar minhas canelas. Queria poder mergulhar naquela vastidão e ser carregada pela maré. Tudo para evitar dizer aquelas palavras. Tudo para não precisar contar ao meu verdadeiro amor, meu companheiro eterno, minha alma gêmea pelos últimos quatrocentos anos, que, enquanto ele me deu a imortalidade, eu provoquei o nosso fim.

E fico desse jeito, em silêncio e parada, esperando o sol se pôr, até que finalmente me viro e olho para ele. Ao ver seu contorno sombrio, quase impossível de distinguir na noite, tento dizer o que está preso em minha garganta e murmuro:

— Damen... amor... tem uma coisa que preciso lhe contar.

dois

Ajoelho-me a seu lado, mãos no colo, dedos dos pés enterrados na areia, desejando que ele olhe para mim, que ele fale. Mesmo que seja apenas para me dizer o que eu já sei — que cometi um erro grave e estúpido, que possivelmente nunca será corrigido. Eu ficaria feliz em aceitar — droga, eu *mereço* isso. O que não aguento é seu silêncio absoluto e esse olhar distante.

Quando estou prestes a dizer algo, *qualquer coisa*, para quebrar o silêncio insuportável, ele me olha com olhos tão cansados que são a perfeita materialização de seus seiscentos anos de idade.

— Roman. — Damen suspira, balançando a cabeça. — Eu não o reconheci, não fazia ideia... — Sua voz se apaga junto com seu olhar.

— Não tinha como saber — digo, ávida por acabar com qualquer culpa que ele possa sentir. — Você foi enfeitiçado por ele desde o primeiro dia. Acredite, ele já tinha tudo planejado, deu um jeito de fazer com que todas as suas lembranças fossem completamente apagadas.

Seus olhos examinam meu rosto, analisando-me com cuidado antes de se levantar e se virar. Olhando para o mar, com os punhos cerrados, ele diz:

— Ele machucou você? Ele perseguiu ou feriu você de algum modo?

Faço que não com a cabeça.

— Não precisou. Bastou machucar você para me afetar.

Ele se vira, os olhos escurecendo enquanto seus traços ficam tensos. Respira fundo e diz:

— A culpa é minha.

Fico boquiaberta, imaginando como ele pode acreditar nisso depois de tudo o que eu disse. Chorando, levanto-me e fico a seu lado.

— Não seja ridículo! É claro que a culpa não é sua! Não ouviu *nada* do que eu disse? — Balanço a cabeça. — Roman *envenenou* seu elixir e o *hipno-*

tizou. Você não teve nada a ver com isso, estava apenas cumprindo ordens dele. Foi algo além de seu controle!

Mas eu mal termino e ele já desconsidera com um aceno de mãos.

— Ever, não percebe? Não se trata do Roman ou de você. Isso é *carma*. É a punição por seiscentos anos de uma vida egoísta. — Ele balança a cabeça e ri, embora não seja o tipo de risada que contagie. É outro tipo. O tipo que gela até os ossos. — Depois de todos esses anos amando e perdendo você repetidas vezes, tinha certeza de que *aquela* era minha punição pelo modo como estava vivendo, sem ter ideia de que você morria sempre nas mãos de Drina. Mas agora vejo a verdade que passei tanto tempo sem perceber. Logo quando estava certo de que havia me livrado do carma ao torná-la imortal e mantê-la ao meu lado para sempre, o carma ri por último, permitindo que passemos a eternidade juntos, mas só nos olhando, sem nunca mais podermos nos tocar.

Vou até ele, querendo abraçá-lo, confortá-lo, convencê-lo de que não é verdade. Mas me afasto rapidamente, lembrando que a impossibilidade de contato é exatamente o que nos trouxe até aqui.

— Isso *não* é verdade — digo, meus olhos fixos nos dele. — Por que *voce* seria punido se fui *eu* que cometi o erro? Não percebe? — Balanço a cabeça, frustrada com sua forma singular de pensar. — Roman planejou tudo. Ele *amava* Drina. Aposto que não sabia disso, hem? Ele era um dos órfãos que você salvou da peste na Florença renascentista, e ele a amou por todos esses séculos, teria feito qualquer coisa por ela. Mas Drina não ligava para ele, só amava você. E você só amava a mim. E, então, bem, depois que eu a matei, Roman decidiu vir atrás de mim, só que fez isso por meio de *voce*. Ele quis me fazer sentir a dor de nunca poder tocá-lo novamente, assim como ele se sente em relação a Drina! E tudo aconteceu tão rápido, eu só... — Eu interrompo, sabendo que é inútil, um total desperdício de palavras. Damen parou de ouvir assim que comeci a falar, convencido de que a culpa é dele.

Mas eu me recuso até a pensar nisso, e também não deixarei que ele o faça.

— Damen, por favor, não pode simplesmente desistir. Não é carma. Sou *eu*! *Eu* cometi um erro, um erro terrível. Mas isso não significa que não podemos consertar as coisas! Deve haver um jeito — digo, agarrando-me à mais falsa das esperanças, forçando um entusiasmo que não sinto de verdade.

Damen fica parado diante de mim, uma silhueta escura no meio da noite; o calor de seu olhar triste e cansado é nosso único abraço.

— Eu nunca deveria ter começado com isso — diz ele. — Nunca deveria ter feito o elixir. Devia ter deixado as coisas seguirem o curso natural. É sério,

Ever, veja o resultado. Não trouxe nada além de dor! — Ele balança a cabeça, e seu olhar é tão triste, tão arrependido, que meu coração desaba. — Mas ainda há tempo para você. Tem a vida inteira pela frente, uma eternidade para ser o que quiser, fazer o que quiser. Eu, no entanto... — Ele dá de ombros. — Estou maculado. Acho que todos podem ver o resultado de meus seiscentos anos.

— *Não!* — Minha voz se agita e meus lábios tremem tanto que a agitação se espalha pelo meu rosto. — Você não pode ir embora, não pode me deixar de novo! Passei o inferno neste último mês para salvá-lo, e agora que está bem, não vou desistir. Fomos feitos um para o outro, você mesmo disse! Estamos apenas passando por uma dificuldade temporária, só isso. Mas, se pensarmos juntos, sei que descobriremos um modo de...

Eu paro, a voz sumindo, e vejo que ele já se foi, retirou-se para seu mundo frio e triste, onde só ele pode ser culpado. Sei que é hora de contar o restante da história, as partes lamentáveis que eu preferiria deixar de fora. Talvez assim ele veja tudo de outra forma, talvez então...

— Tem mais — digo rapidamente, embora não tenha ideia de como formular o que vem depois. — Antes que presuma que o carma veio pegar você, ou o que quer que seja, você precisa saber de mais uma coisa, uma coisa da qual não me orgulho exatamente, mas ainda assim...

Respiro fundo, conto a ele sobre minhas viagens a Summerland — a dimensão mágica entre as dimensões, onde aprendi a voltar no tempo — e digo que, quando me foi dada a opção de escolher entre ele e minha família, eu escolhi minha *família*. Estava convencida de que poderia, de alguma forma, restaurar o futuro que eu tinha certeza de que fora roubado, mas acabou terminando em uma lição que eu já sabia:

Às vezes, o destino não está a nosso alcance.

Engulo em seco e fico olhando para a areia, relutante em ver a reação de Damen quando olhar nos olhos daquela que o traiu.

No entanto, em vez de ficar bravo ou chateado como pensei, ele me cerca com uma linda luz branca e brilhante. Uma luz tão reconfortante, tão complacente, tão pura, que parece o portal para Summerland, só que melhor. Eu fecho os olhos e o cerco de luz também, e quando os abro outra vez estamos envolvidos no mais belo e caloroso brilho.

— Você não tinha escolha — diz ele, com a voz calma e o olhar suave, fazendo todo o possível para atenuar minha vergonha. — É claro que escolheu sua família. Era a atitude certa a tomar. Eu faria o mesmo, se tivesse essa opção...

Concordo com a cabeça, fazendo brilhar ainda mais sua luz e acrescentando um abraço telepático. Sei que não chega nem perto de um abraço real, mas por enquanto funciona.

— Eu sei o que aconteceu com sua família, sei tudo, vi tudo...

Ele me olha com olhos tão escuros e intensos que me sinto obrigada a continuar.

— Você é sempre tão reservado sobre seu passado, sua origem, como viveu... Então um dia, enquanto estava em Summerland, perguntei sobre você, e, bem, toda sua história de vida foi revelada.

Pressiono os lábios e olho para Damen diante de mim, silencioso e imóvel. Ele suspira enquanto me encara e passa telepaticamente os dedos pela curva do meu rosto, criando uma imagem tão intencional, tão palpável, que quase parece real.

— Desculpe-me — ele diz, acariciando mentalmente meu queixo. — Desculpe-me por ter sido tão fechado e não querer compartilhar a ponto de obrigá-la a isso. Mas, mesmo tendo acontecido há muito tempo, é algo que ainda prefiro não discutir.

Concordo com um aceno de cabeça, sem a intenção de pressioná-lo. O fato de Damen ter testemunhado o assassinato dos pais, seguido de anos de abuso nas mãos da Igreja, não é um assunto que pretendo explorar.

— E ainda tem mais — digo, esperando talvez poder restaurar um pouco de esperança ao compartilhar outro aprendizado. — Quando estava assistindo à história de sua vida, vi Roman matar você no final. Mas, mesmo que parecesse que aquilo estava destinado a acontecer, consegui salvá-lo. — Olho para ele, percebendo que não está nem um pouco convencido, e me apresso antes de perdê-lo completamente. — Quero dizer, sim, talvez nosso destino esteja determinado de alguma forma e seja imutável, mas às vezes ele é simplesmente formado pelas nossas ações. Então, quando não pude salvar minha família ao voltar no tempo, foi apenas porque se tratava de um destino que não podia ser mudado. Ou, como disse Riley instantes antes do segundo acidente que os levou novamente: “Não se pode mudar o passado. As coisas são como são.” Mas depois me vi de volta aqui em Laguna e consegui salvá-lo. Bem, acho que isso prova que o futuro nem sempre é concreto e nem tudo é decidido somente pelo destino.

— Pode ser... — Ele suspira, olhando em meus olhos. — Mas não se pode fugir do carma, Ever. Ele é o que é. Ele não julga, não é bom nem ruim, como a maioria das pessoas pensa. É o resultado de todas as ações, positivas e negativas. Equilíbrio constante dos acontecimentos; causa e efeito; olho por olho; cada um colhe o que planta; o que vai volta. — Ele dá de ombros. —

Não importa como é expresso. No fim, dá no mesmo. E, por mais que queira pensar que não, é exatamente isso que está acontecendo. Todas as ações causam reações. E foi para cá que minhas ações *me* trouxeram. — Ele balança a cabeça. — Todo esse tempo fiquei me convencendo de que a transformei por amor, mas agora vejo que foi por egoísmo. Porque não podia ficar sem você. *Essa* é a razão pela qual agora está acontecendo.

— Então vai ser assim? — Balanço a cabeça, mal podendo acreditar que ele está determinado a desistir tão facilmente. — É assim que tudo acaba? Você está tão convencido de que está sendo perseguido pelo carma que nem vai tentar reagir? Chegou até aqui só para ficarmos juntos e agora que estamos enfrentando um obstáculo não vai nem tentar escalar o muro que está em nosso caminho?

— Ever. — Seu olhar é quente, amoroso, amplo, mas não consegue esconder a derrota em sua voz. — Desculpe-me, mas há coisas que eu simplesmente *sei*.

— Ah, tudo bem... — Balanço a cabeça e olho para o chão, enterrando bastante os pés na areia. — Só porque tem alguns séculos a mais do que eu não significa que pode dar a palavra final. Porque, se estamos *realmente* juntos nisso, se nossa vida e nosso destino estão *realmente* entrelaçados, então vai perceber que isso não está acontecendo só com *você*. Eu também faço parte. E você não pode cair fora... não pode *me* abandonar! Precisamos trabalhar juntos! Tem de haver um jeito... — Eu paro. Meu corpo treme e minha garganta está tão apertada que não consigo mais falar. Só consigo ficar ali na frente dele, implorando silenciosamente para que se junte a mim em uma briga que não sei se podemos vencer.

— Não pretendo deixá-la — ele diz com os olhos cheios de lembranças nostálgicas de quatrocentos anos. — *Não posso* deixá-la, Ever. Acredite, tentei. Mas no final sempre acabo novamente a seu lado. Você é tudo o que eu sempre quis, tudo o que sempre amei. Mas Ever...

— Sem *mas*. — Eu nego com a cabeça, desejando poder abraçá-lo, tocá-lo, pressionar meu corpo contra o dele. — Tem que haver um jeito, uma cura. E juntos vamos descobrir qual é. Sei que vamos. Chegamos longe demais para deixar que Roman nos separe. Mas não posso fazer isso sozinha. Não sem sua ajuda. Então, por favor, prometa... prometa que tentará.

Ele me contempla, atraindo-me com o olhar. Fecha os olhos e enche a praia com tantas tulipas que toda a enseada fica lotada de pétalas vermelhas e sedosas sobre caules verdes e curvados: o símbolo supremo de nosso amor eterno cobrindo cada centímetro quadrado de areia.

Depois ele passa o braço pelo meu e me leva de volta para o carro. Nossa pele fica separada apenas por sua jaqueta preta de couro macio e por minha camiseta de algodão orgânico. Isso é o suficiente para evitar as consequências de qualquer contato acidental de DNA, mas incapaz de barrar o formigamento e o calor que pulsam entre nós.